

# **Epinomis**

Platão

## Epínomis

*Clínias:* Eis-nos, estrangeiro, todos nós três - tu, eu e Megilo aqui, a fim de examinar a questão da sabedoria, e discutir o curso de estudos **que**, segundo nós, torna uma pessoa que se empenha no pensar tão sábia quanto é possível a um ser humano o ser, visto que, embora tenhamos estabelecido minuciosamente tudo o mais que, concerne à legislação, não definimos e tampouco descobrimos o que é de maior monta, a saber, o que se impõe a um ser humano aprender para **converter-se** num sábio. **E** preciso que não renunciemos a esta questão nesta oportunidade, já que fazê-lo significaria deixar largamente íntingida a meta de nossos labores, a qual era esclarecer as coisas do início ao fim,

*O ateniense:* Excelente idéia, Clínicas, mas temo que estejas na iminência de ouvir uma *estranha* explicação, a despeito de, de um certo modo, não ser estranha. A raça humana não é, em regra, bem-aventurada ou feliz. Muitas pessoas, com base na sua experiência de vida, exprimem esta mesma posição. Presta atenção, portanto, e considera com rigor se pensas que eu também, seguindo-os, estou correto nesse ponto. Afirmando que as pessoas não podem se tornar bem-aventuradas ou felizes, salvo por algumas escassas exceções que escapam a essa regra; restrinjo minha afirmação à duração de nossas vidas. Aqueles que se esforçam para viver o mais nobremente possível ao longo de suas vidas e, ao seu desfecho, morrer nobremente, acalentam a boa esperança de alcançá-la, após a morte, tudo aquilo pelo que se esforçaram. Não estou dizendo nada arguto, limitando-me a repetir o que de certa forma todos nós, gregos e bárbaros,\* sabemos, ou seja, que desde o princípio a existência é dura para todo ser vivo. Começamos por ter que passar pelo estágio de embriões; a seguir temos que nascer e na seqüência receber instrução e educação, e somos unânimes quanto a sustentar que todos esses estágios **envolvem** sofrimentos **incontáveis**. Aliás, se não computarmos **os momentos** árdios, mas somente aquilo que todos **considerariam** tolerável, o tempo [de que **dispomos**] se revelará **demasiadamente** efêmero, um período que parece **permitir** no ser humano respirar um pouco **af** pelo meio de sua vida.

•iâtemfcinrfi! EkXl/veç  
XE KQU, (3ctpfiiütp0L.  
(.,jj

Platão - As Leis

ῥιποῦ πᾶν τὸ *tr|q oytōXoyicu*; τῆς οὐδ' ἐν τρεῶν τε ὀρθότητι  
οἱ ἄλλοι, ἅπαντες, ἐπιτεταμένους καὶ μετὰ τὴν ὀρθότητα...

## EPINOMIS, ou O FILÓSOFO

*Original em grego:*

EOINOMIS H filAOZOOS

*Personagens do diálogo :*

*Clínias de Creta,  
o estrangeiro de Atenas  
e Megilo de Lacedemônia*

# Epinomis

## Epinomis

*CUnias:* Eis-nos, estrangeiro, todos nós três - tu, eu e Megilo aqui, a fim de examinar a questão da sabedoria, e discutir o curso de estudos que, segundo nós, torna uma pessoa que se empenha no pensar tão sábia quanto é possível a um ser humano o ser, visto que, embora tenhamos estabelecido minuciosamente tudo o mais que concerne à legislação, não definimos e tampouco descobrimos o que é de maior monta, a saber, o que se impõe a um ser humano aprender para converter-se num sábio. E preciso que não renunciemos a esta questão nesta oportunidade, já que fazê-lo significaria deixar largamente iuatingida a meta de nossos labores, a qual era esclarecer as coisas do início ao fim.

*O ateniense:* Excelente idéia, Clínias, mas temo que estejas na iminência de ouvir uma *estranha* explicação, a despeito de, de um certo modo, não ser estranha. A raça humana não é, em regra, bem-aventurada ou feliz. Muitas pessoas, com base na sua experiência de vida, exprimem esta mesma posição. Presta atenção, portanto, e considera com rigor se pensas que eu também, seguindo-os, estou correto nesse ponto. Afirmando que as pessoas não podem se tornar bem-aventuradas e felizes, salvo por algumas escassas exceções que escapam a essa regra; restrinjo minha afirmação à duração de nossas vidas. Aqueles que se esforçam para viver o mais nobremente possível ao longo de suas vidas e, ao seu desfecho, morrer nobremente, acalentam a boa esperança de alcançar, após a morte, tudo aquilo pelo que se esforçaram. Não estou dizendo nada arguto, lirnitando-me a repetir o que de certa forma todos nós, gregos e, bárbaros,\* sabemos, ou seja, que desde o princípio a existência é dura para todo ser vivo. Começamos por ter que, passar pelo estágio de embriões; a seguir temos que nascer e na seqüência receber instrução e educação, e somos unânimes quanto a sustentar que todos esses estágios envolvem sofrimentos incontáveis. Aliás, se não computarmos os momentos árduos, mas somente aquilo que todos considerariam tolerável, o tempo [de que dispomos] se revelará, demasiadamente efêmero, um período que parece permitir ao ser humano respirar um pouco aí pelo meio de sua vida.

• yàtoofwfjtte EWRWtÇ  
tE KOil PcxpfjapOl.  
(., (j

## Platão - As Leis

Mas, de pronto, sobrevém a velhice, a qual tende a tornar todo aquele que leva em consideração a totalidade de sua vida destituído da vontade de retomá-la, a não ser que esteja embalado por urna multidão de idéias pueris. E que prova tenho eu disto?... Quer dizer, de que o que estamos agora investigando aponta nessa direção. O objeto de nossa investigação é como tornar-se sábio, como se essa faculdade fosse em todos encontrada. Mas ela escapa toda vez que alguém atinge qualquer conhecimento especializado em quaisquer das chamadas artes ou ramos da sabedoria ou em quaisquer dos outros campos tidos geralmente como ciências, o que sugere que nada disso merece o nome de sabedoria no que concerne a essa esfera do humano. Por outro lado, embora a alma esteja marcadamente convicta e tenha a intuição de que

• cA aPmo f> ro-nfltao!, com o constitui de algum modo sua natureza de sabedoria, •  
 solwdo/iifl. Qf< c// é inteiramente incapaz de descobrir o que é [sabedoria]  
 .Vrpiú/ff'ri <• o Cfédni. (n.l) , quando e (-orno é atingida. Em tais circunstâncias não

será nossa dificuldade acerca da sabedoria totalmente cabível bem como nossa investigação? Isso passa a ser um projeto mais ambicioso do que todos nós poderíamos esperar - nós que somos capazes de examinar a nós mesmos e os outros de maneira inteligente e coerente por

• • 'PPotão affide n T] meio de argumentos de toda espécie e utilizados em todos os sentidos. • • Não concordaremos que assim é?  
 [J.aiEUThcr] o método

Boovitioo do [xiffivção dos *Clínias:* E possível que concordemos, estrangeiro, já que, com o tempo, chegamos a partilhar tua esperança de que podemos atingir a plena verdade nesses assuntos.

*O ateniense:* Em primeiro lugar é necessário que examinemos todas as outras matérias que recebem o nome de ciências, mas que não tornam sábios os que as compreendem e as possuem. Após as tirarmos de nosso caminho tentaremos identificar aquelas de que necessitamos, e então aprendê-las.

Para começar, entre as ciências que são de primeira necessidade para a raça humana, consideremos as que são absolutamente indispensáveis e verdadeiramente primordiais; mas consideremos também porque aqueles que as conhecem, embora tenham, outrora, gozado da reputação de sábios, atualmente dela carecem, sendo, ao contrário, censurados por tal conhecimento. Nós as identificaremos e mostraremos que virtualmente todos que

## Epinomis

ambicionam uma reputação de ter se convertido na melhor pessoa possível delas se esquivam a fim de adquirir sabedoria e praticá-la.

Primeiramente, temos o conhecimento que diz respeito aos animais que se devoram entre si. Segundo a lenda foi isto que nos conduziu ao hábito de comer alguns tipos de animais, enquanto nos abstermos totalmente de fazer de outros nosso alimento. Que os antigos nos perdoem, como efetivamente o fazem, mas que as primeiras pessoas a pormos de lado sejam os especialistas no conhecimento que acabamos de mencionar. A seguir [temos que afirmar] que a produção de farinha de cevada e farinha de trigo associada ao conhecimento de como usá-las para a nutrição, embora represente uma atividade bela e excelente, jamais logrará tornar alguém inteiramente sábio, porquanto a mera expressão *produção* na qualidade de sabedoria engendraria a aversão relativamente aos próprios produtos. Tampouco a capacidade de cultivar toda a terra faria de alguém um completo sábio, visto que não é claramente graças à arte mas sim graças a uma habilidade natural procedente de um deus que todos nós nos dispusemos a trabalhar a terra; tampouco ainda seria a estacagem de alojamentos, ou a construção como um todo, ou a arte de confeccionar todos os tipos de móveis e implementos, que inclui os ofícios do carpinteiro e do ferreiro, a modelagem e a tecelagem, bem como o fabrico de todos os instrumentos. Esse conhecimento tem utilidade prática para a massa da sociedade, porém não é considerável quando se trata da virtude. Também não será a arte da caça sob todas as suas variadas formas que tornará alguém nobre e sábio, embora tenha essa st; aprimorado e envolva grande destreza. E tampouco outorga sabedoria a divinação ou a capacidade geral de interpretar oráculos, já que se o intérprete sabe o que diz, falta-lhe a compreensão da verdade do que diz.

Percebemos agora que essas artes nos **capacitam a adquirir** as coisas **necessária**» à vida, mas **que**, também, nenhuma delas torna alguém sábio. **Resta** uma espécie de jogo, o qual se limita a ser imitativo e não é, ein absoluto, sério. Aqueles que o praticam utilizam muitos instrumentos e muitos gestos corporais, incluindo uma

## Platão - As Leis

mímica nem sempre decente. Envolve habilidades que fazem uso das palavras, todas as artes das Musas e os gêneros de representação visual, que são responsáveis pela produção de uma multiplicidade de figuras variadas em diversos veículos, tanto úmidos quanto secos.\*

\* fetos últimos antes n quf  
Tfotão se ís|«ti cãõ a  
pmm c o csculbtófi. (n,.)

Entretanto, a arte imitativa não torna ninguém sábio em quaisquer dessas coisas, mesmo aqueles que praticam sua arte com o máximo de circunspeção.

Estando todas essas matérias abordadas, o grupo que se segue se nos afigura como os tipos de defesa, que assumem formas diferentes e beneficiam muitas pessoas. O tipo principal e mais difundido, a arte da guerra, conhecida eximamente estratégia militar,\* é reputadíssimo do ponto de vista da utilidade, mas requer uma enorme dose de boa sorte, sendo concedido às pessoas mais pela coragem do que pela sabedoria. Igualmente a arte chamada medicina é por certo uma defesa, neste caso contra todos os danos que o clima inflige aos animais mediante o frio, o calor intempestivo e outras coisas do gênero. Todavia, nenhuma dessas artes se distingue como a sabedoria mais genuína. Falta-lhes medida, recorrem às opiniões e procedem por conjecturas. Também chamaremos de defensores os pilotos das naus e os marinheiros, mas ninguém ousará proclamar como sábio um único deles. Ninguém poderia atinar com o conhecimento do ódio ou da amizade do vento, mesmo que a arte da navegação se agradasse sobremaneira com esse conhecimento. Tampouco são sábios aqueles homens que pretendem ser defensores em processos devido a sua habilidade discursiva; sua atenção ao caráter das pessoas se baseia na memória e no contato rotineiro com a opinião e eles perambulam distantes da verdade acerca do que é autenticamente justo.\* \* \*

• \*...CJXpaTqyiKr|  
xexvq ... aie da eslitafégia.  
(ti,t;

• \* • (Vtico ícilsodo do  
<[«P o odo c, rowo scwp.ic, os  
;ojíslos. (nt.)

Candidatando-se à reputação de sabedoria surge-nos ainda uma certa capacidade estranha, que a maioria não chamaria de sabedoria, mas de dom natural. Algumas pessoas aprendem facilmente qualquer coisa que seja objeto de seu estudo e se lembram com precisão de uma grande quantidade de coisas, e alguns são capazes de trazer à mente o que é útil a cada um - o que encontraria adequação se tivesse que ocorrer - e celeramente o realiza. Quando atentamos para tais pessoas.

## Epinomis

alguns julgarão esses traços como um dom natural, enquanto outros os denominarão sabedoria, e ainda haverá quem verá nisso uma natural agilidade da mente. Mas nenhuma pessoa inteligente jamais se inclinará a considerar alguém genuinamente sábio por deter quaisquer desses traços.

Mas por certo deve haver alguma ciência cuja posse torna um indivíduo genuinamente sábio e não meramente detentor da reputação de sábio. Vejamos então. Lidamos com uma matéria extremamente difícil, a saber, descobrir uma ciência distinta daquelas que abordamos, que possa ser tanto genuína quanto plausivelmente chamada de sabedoria, e que torne o seu possuidor em lugar de vulgar ou tolo, um sábio e bom cidadão no Estado, um governante ou governado justo, sintonizado consigo mesmo e com o mundo. Principiemos identificando essa ciência. De todas as ciências atualmente existentes, qual delas - se desaparecesse completamente do âmbito da raça humana ou não tivesse sido desenvolvida - faria do ser humano o mais estulto e estúpido dos seres vivos? A rigor, não é nem um pouco difícil identificá-la. Se compararmos, por assim dizer, uma ciência com a outra, perceberemos que aquela que concedeu o dom do número produziria aquele efeito sobre toda a raça dos mortais.

E um deus mesmo, acredito, e não algum acaso que nos salva ao nos proporcionar tal dádiva. Mas é imperioso que diga a que deus me refiro, embora pareça estranho e, não obstante, num certo sentido nada estranho. Como podemos nós nos impedir de crer que o que produz todas as coisas boas para nós não é também a causa do bem que é, de longe, o supremo bem, ou seja, a sabedoria? Assim sendo, Megilo e Chinas, qual é o deus a que me refiro tão solenemente? O Céu, o deus que acima de qualquer outro com justiça deve receber nossas preces e honras, tal como fazem todos os outros *dáimons* e deuses. •••• Concordaremos com unanimidade que tem sido ele a causa de todos os outros bens para nós. Mas declaramos que ele é realmente aquele que nos deu o número também, e continuará nos dando, supondo que estejamos desejosos de segui-lo estritamente. Se nos dispusermos a contemplá-lo da maneira certa

•\*••... οxeοov  
otjpavov, Sv Kat  
SIKtXIOaTOV. (DC  
au|13T«VTεÇ OÁA.01  
St.xip.ovec, tma Kat  
Ôeoi.Ttpav T E Kat  
εt>XEO60CI  
5ta<|>EповT(úe aiiHii...  
'Cnmontísido ao mito p\*  
ofij«f\*o, 'Tftítòo sn CAC (1  
Oυποvoç (qmm rfcFceia  
• o tettñj, o aW: ji.<|>Oi>fñr  
que (: |X!K«ijjiro;o;ðo fio  
obóññfio aèit., fie oo oslnos  
500 āamu o cau- que o fofic;  
«ññi ( o ém epññi (n.t.)



## Platão - As Leis

\*... **Κοτιπov** eixe  
**οίtopjrov** eixt  
**oupavov...** 'Ptefflo,  
 «talo (i ClottCÍVi fio MIWififiWI  
 wifoCtgim, Jng questão (ic «nn  
 depseció-Co, ivins a niwfa, pois  
 o Mio c ura instojuenfo pma o  
 eep/iessão A seu petteomenio  
 {uW)ji«), f: POWI tfrf SP.  
 euboitdino n esic P «fio o  
 eorf/miW). (n.t)

• •... **otAJieovx;**  
**tarjou...** € ««cito  
 ΆAnyOC ittdfra o ía^do que  
 inipteo iieeessoiuowenfe o  
 disemeo e/o» fj disemeo que  
 impfleo ncceseo/tiomerfe o  
 «300, ou. m outtos temos, fl  
 «300; íí pode st MMJnstm  
 fihfwps do poitaíio, seu wéiifo  
 wsfúsfíTí, r. sowo toí n poPotúí  
 potu.cfe objugaíofíaroeuie em  
 BOWWb MNfifif (n.t)

quer <i chamemos de *Universo, Olimpo* ou *Céu,*' como o preferirmos - perceberemos minuciosamente como decorando a si mesmo e fazendo os astros revolverem nele através de todas as suas órbitas produz as estações e. proporciona alimento para todos. Em associação com a totalidade do número, ele também fornece, insistiríamos, tudo o mais e implica inteligência e tudo que é bom. E esta soma é a coisa maior, **pois** pode uma pessoa que dele recebe, o dom dos números ir à frente para sondar plenamente a inteira revolução dos céus.

Mas retornemos alguns passos atrás e recordemos que estávamos certíssimos em observar que, se a raça humana fosse privada do número, jamais chegaríamos a qualquer sabedoria. Seríamos animais incapazes de produzir o discurso racional, o nossa alma nunca **lograria a** totalidade da virtude. Um animal que não sabe distinguir entre o dois e o três, e entre o ímpar e o par, **que** seja completamente ignorante do número não poderia jamais apresentar um discurso das coisas que apreendeu pelo único meio de que dispõe: a sensação e a memória. Porém, enquanto nada o impede de deter o resto da virtude - coragem e temperança - ninguém que seja destituído da capacidade do verdadeiro discurso [racional] • \* se tornará jamais sábio, e todo **aquele** a quem falte sabedoria, que é a parte maior da **virtude**, não poderá jamais tornar-se inteiramente bom **ou**, conseqüentemente, feliz. Conclui-se pela plena **necessidade** de, empregar o número como base, embora o **por**quê dessa necessidade **exigisse** um discurso **ainda** mais longo do que tudo epie eu disse. Mas de momento **estaremos também** certos em fazer a seguinte **afirmação**, a saber, que no que respeita às realizações atribuídas às outras artes, as **que** acabamos de examinar, admitindo o direito à existência de todas as artes, nenhuma delas persiste: são todas totalmente excluídas ao suprimirmos a ciência do número.

Se refletirmos nas artes, poderíamos muito bem supor que há poucos propósitos que tornem os números necessários à raça humana, embora este aspecto seja também importante. Ademais, se contemplarmos o elemento divino e os elementos mortais na geração descobriremos reverência pelo divino e também o número em sua

## Epinomis

verdadeira natureza. Mas mesmo assim, nem sequer uni de nós ainda compreenderá *seja* a dimensão do poder que o conhecimento estreito do número no seu conjunto nos confere (visto que a se somar ao que mencionei, todos os fenômenos musicais claramente, requerem movimentos e sons que são baseados no número) *seja* - o que é o mais importante - que o número é a causa de todos os bens, não o sendo de nenhum mal. Mas todo movimento que pode ser classificado como irracional, desordenado, disforme, privado de ritmo e harmonia, carece inteiramente do número, tal como tudo que participa de qualquer mal. E assim que deve pensar todo aquele que deseja morrer feliz; e todo aquele que, por não ter atingido uma opinião verdadeira, ignora o justo, o bom, o belo e tudo que pertence a esta ordem, não será jamais capaz de fazer um discurso numérico de maneira a produzir em si mesmo ou nos outros uma convicção completa.

Prossígamos agora com o exame desta questão precisa: o número. Como aprendemos a contar? Como chegamos aos conceitos de *um* e *dois*? O universo nos dotou da capacidade natural de conceituar enquanto tantos outros seres vivos carecem até mesmo da capacidade de aprender do pai como contar.\* • • Conosco, seres humanos, a primeira coisa que a divindade; alojou em nós foi a faculdade de compreender o que nos é mostrado, e depois disso [a divindade] continuou a nos mostrar, e ainda o faz. E das coisas que ela nos mostra, tomadas uma a uma, o que nos é, facultado contemplar que seja mais belo que o dia? Mais tarde, quando contemplamos a noite, tudo se afigura diferente, à nossa visão. Como o céu nunca cessa noite após noite e dia após dia de apresentar esses mesmos espetáculos | inclusive dos corpos celestes cumprindo seus cursos), não cessa igualmente de ensinar aos seres humanos o *um* e o *dois*, até que mesmo o mais obtuso dos indivíduos aprenda suficientemente bem como contar. De fato, que hajam também o *três*, o *quatro* e o *múltiplo* será possível a cada um de nós conceber [e conceituar] ao contemplarmos esses corpos celestes. Desta multiplicidade [de números], a divindade produziu uma unidade, criando a Lua que se move em seu curso por vezes parecendo maior e por

\*\*\* L-4 írSJWilo fio lltidfldl!  
c do dundidorfr; «a o ffrãb/r.  
o 'Pāvufaf/ix fibosdo o íp.rao  
do fjmooõo dn mímwo. («.(.)

## Platão - As Leis

vezes menor, revelando-se a cada dia diferente até quinze dias e quinze noites transcorrerem; isto constitui uma revolução, se se deseja tratar o ciclo inteiro como uma unidade e resulta que mesmo o mais [mentalmente] acanhado dos seres vivos dotado pela divindade da capacidade de aprender é capaz de aprendê-lo. Nestes limites e relativamente a esses objetos, toda a parte dos seres vivos que para isso estava capacitada tornou-se extremamente hábil no contar [ou seja, até quinze]. observando os fatos individualmente; ora, se todas as criaturas não cessam, nas relações que permutam, de calcular os números, é, eu o imagino, em vista de uma ciência mais elevada e para o permitir que a divindade organizou os meses no ano, colocando no céu, como o dissemos, a Lua que cresce e mingua, depois do que todos principiaram, por uma boa fortuna, a considerar no seu conjunto as relações dos números entre si. Graças a estes eventos» celestiais temos colheitas, a terra gera alimentos para todos os seres vivos e os ventos que sopram e as chuvas que caem não são violentos e imoderados; se, contrariando a isto, algum desses fenômenos trazer consigo o mal, não é a divindade que deveremos censurar, mas sim os seres humanos por não ordenarem corretamente suas próprias vidas.

Em nossa investigação sobre as leis descobrimos que não é difícil conhecer as outras coisas que representam o melhor para os seres humanos, e que todos nós somos competentes tanto para compreender o que nos é dito quanto para agir baseados nessa compreensão enquanto soubermos o que é provavelmente vantajoso e o que não é. Realmente, percebemos então e continuamos a afirmar que nenhuma das outras pesquisas é particularmente difícil, mas que o como tornar-se gente, de bem é um problema sumamente difícil. Outrossim, adquirir tudo o mais que temos como bom - riqueza na correta quantidade e um corpo do tipo adequado - é, como diz o adágio, tanto possível quanto fácil. /Vcresça-se a isto que todos concordarão que deve a alma ser boa, e quanto a como o deva ser, todos afirmam que é imperioso que seja justa, temperante, corajosa e também sábia. Entretanto, quando se trata de [definir] a forma precisa de sabedoria a ser possuída pela alma,

## Epinomis

como acabamos de demonstrar pormenorizadamente, cessa qualquer consenso, ao menos entre os membros da multidão. Contudo, com efeito descobrimos agora acima de todas as anteriores formas de sabedoria uma que de modo algum é falta de significação, pelo menos ao afirmarmos que alguém que tem domínio das ciências que esboçamos garante uma reputação de sábio. Mas serão aqueles que detêm estes conhecimentos efetivamente sábios e bons? E isto exatamente que requer uma discussão satisfatória.

*Clínias:* Estrangeiro, como tinhas razão ao dizer que empreendias grandes discursos a respeito de grandes assuntos!

*O ateniense:* De fato, não são matérias triviais, Clínias. Mas - c isto é ainda mais difícil - estou tentando dizer coisas que são inteira e universalmente verdadeiras.

*Clínias:* Não tenho nenhuma dúvida sobre isso, estrangeiro. Todavia, não percas o ânimo de dizer o que pensas.

*O ateniense:* Está claro, e não perdeis vós também o ânimo de escutar-me.

*Clínias:* Não te preocupes, e falo em nome de nós dois.

*O ateniense:* Excelente. É preciso que comecemos pelo começo. Em primeiro lugar, parece que acima de tudo, necessitamos descobrir um nome único, se o pudermos, para essa coisa que sustentamos ser a sabedoria. Se simplesmente formos incapazes de fazê-lo, ao menos teremos que, como nosso segundo objetivo, determinar qual e quantas espécies de sabedoria é preciso que uma pessoa conheça a fim de ser sábio de acordo «**Mm**» nosso discurso.

*Clínias:* Prossegue.

*O ateniense:* O ponto a seguir é que ninguém censure o legislador por fazer um discurso sobre os deuses que seja mais belo e mais digno do que aqueles apresentados até agora, envolvendo se, por assim dizer, num nobre jogo e honrando aos deuses, passando em nome do [legislador] toda sua vida entoando-lhes hinos e lhes oferecendo o espetáculo de seu júbilo.

## Platão - As Leis

*Clínias:* Muito liem dito, estrangeiro! Que possas pro-  
por eomo mel» de nossas leis atingirmos ao oferecer-  
mos aos deuses esse. jogo de louvores uma vida mais  
pura (! um fim que seja ao mesmo tempo o melhor e o  
mais lielo!

O *ateniense:* O (pie dizemos, então, Clínias? Parecerá  
que entoando hinos nos deuses os estaremos honrando  
grandemente e lhes solicitando que nos inspirem a di-  
zer o mais helo e melhor sohre eles? E isto o que queres  
dizer, ou outra coisa?

*Clínias:* Precisamente isso. K então, homem admirável,  
ora aos deuses com confiança e profere o discurso que  
a ti ocorre acerca dos deuses e das deusas.

O *ateniense.:* Assim será se o próprio deus guiar-me.  
Apenas junta-te a minha oração.

*Clínias:* Prossegue com leu discurso a nova etapa.

O *ateniense:* Visto que as pessoas no passado falharam  
em sua descrição da geração dos deuses e dos seres vi-  
vos,» parece-me que «levo iniciar [meu discurso] com-  
pondo uma exposição baseada no discurso anterior.» •  
retomando meu ataque aos relatos ímpios e declarando  
que há deuses que zelam por todas as coisas, grandes e  
pequenos, e (pie são inexoráveis em matéria de justiça.  
Suponho (pie te lembres, Chinas, já que vós, inclusive,  
lomaslcs apontamentos por escrito. O que dissemos en-  
tão é absolutamente verdadeiro. O ponto mais impor-  
lanlc era (pie como um todo, a alma é mais velha [e su-  
perior em dignidade] do que qualquer corpo. Vós lem-  
brais? Com certeza deveis lembrá-lo. Pois o que é su-  
perior, mais velho e mais semelhante ao divino assim o c  
obviamente em relação ao que é inferior, mais novo e  
monos venerável, e o que governa ou conduz é de todos  
os rnodos mais velho do que o que é, governado ou con-  
duzido. Admitamos, portanto, este ponto, a saber, que a  
alma é mais velha [e mais digna] que o corpo. Mas se  
assim for, o princípio que estabelecemos em nosso pri-  
meiro discurso sobre a geração será mais plausível [e  
confiável] que o dos antigos. Admitamos, também, que  
nosso ponto de partida, é melhor do que o deles e quo  
estamos dando os passos certos na abordagem da porte  
de maior monta da sabedoria, a geração dos deuses.

Beoyoviav

XIVV KCI

Çoxyyovtav.... (n.t)

"Cl ateniense se »c|ese no

ifow 9í <K <JS >A/s, onek

bola fin ewetfneln fins ifciisee,

rfo SM gefc pefos nnisns

liuiniiHS, rir. TJcofijnln nqui

IMÍ síntese dn teafiieein

apostei nesse Üíwio dn .A.:

SJft. (n.t.)

## Epinomis

*Clínias:* Todos terão que convir que estamos enunciando essas matérias o melhor que podemos.

*O ateniense:* Quando uma alma e um corpo se associam para formar uma estrutura única e produzir uma forma única, estaremos certos em dizer, segundo a natureza, que se trata verdadeiramente de um ser vivo?

*Clínias:* Seguramente.

*O ateniense:* Então estaremos atribuindo a essa associação a **denominação** mais correta ao chamá-la de **ser vivo**?

*Clínias:* Sim.

*O ateniense:* É preciso também, com toda a plausibilidade, reconhecer cinco corpos sólidos, dos quais podemos extrair [e fabricar] as figuras mais belas e mais perfeitas. A espécie restante [do ser vivo] possui uma forma única pois a alma, a espécie mais divina [do ser]»' é a única coisa que poderia ser incorpórea ou absolutamente **incolor**. E o único ente naturalmente apto para fabricar e criar, enquanto o corpo, nós o afirmamos, »c presta a ser fabricado, a ser transformado e ser visto. ••••A espécie de ente anterior (que o digamos novamente, **porquanto não** deve; ser expresso uma só vez) é apta **naturalmente** a ser invisível, bem como inteligente e inteligível, dotada **de** memória e capacidade de cálculo ao empregar a alternância dos números ímpares e pares. Havendo cinco **corpos**, então, que declaramos serem **eles** o fogo, a água, o ar, a terra e o éter, e **que cada uma das** múltiplas e variadas espécies de seres vivos é levada à perfeição **tendo** um desses [**corpos**] **desempenhando** a função **principal**.

Faz-se mister estudar cada um desses elementos individualmente como segue. Tomemos o elemento terrestre como o primeiro grupo, o qual inclui **todos** os seres humanos, além **de** todos os seres vivos dotados de muitas pernas e aqueles que não as possuem, todos **aqueles que** se movem e aqueles que são estacionários, firmados por raízes. ••••• **O** que confere **singularidade** a esta espécie, acreditamos, é o fato de **que** a despeito de todos os seres vivos **serem** compostos de todos os cinco corpos (elementos), essa espécie é constituída majoritariamente da terra com sua **natureza** sólida.

\*•\*... 10 Σαϋοιγιϋ

οϋτοιϋ ϋ(ι>%ι)ϋ

Υρϋο;... (n.t.)

\*\*\*• \_A (lft«l C (itilfl,  
itupMCCptfeP, inmiáief a  
twwtoP« o (Mpo, pnssitio,  
pcsfjceptinl. sujeito ei (jMagftn.  
n («ínsjo,w«ie,of> e, ò  
eriwupe/io, (n.l.)

•••••Ou sejo, f) scfBñ  
(«mini. e. o wimm eerjetáf, («.).

## Platão - As Leis

É-nos lícito supor que há urna segunda e distinta espécie de ser *vivo*, que é visível. E constituída por uma porção maior de fogo, mas contém porções de terra e ar associativamente a modestas quantidades de todo o resto, lista é a razão de declararmos que a partir desses corpos surgem seres vivos visíveis de todas as espécies. Devemos, ademais, supor que as espécies de seres vivos nos céus - que são, deveríamos afirmá-lo, os astros divinos - vieram à existência providos do corpo mais tênue e a alma mais excelente e mais venturosa. E cabem a eles, no que diz respeito ao seu destino, ao nosso ver, um destes: ou são incorruptíveis, imortais e com plena e absoluta necessidade divinos, ou cada um conta com uma existência de tal longevidade que possivelmente jamais exigiriam que fosse mais extensa.

Consideremos, portanto, primeiramente que esses seres, que o reiteremos, são de duas espécies: uma e outra visíveis, uma de fogo, a julgá-lo externamente na sua inteireza: a outra, de terra, a espécie terrestre movendo-se em desordem, e a espécie ígnea, ao contrário, movendo-se em perfeita ordem. Ora, aquela que se move desordenadamente - que constitui, na maior parte, os seres de nossa Terra - é imperioso que a consideremos como destituída de inteligência; aquela que segue sua rota ordenadamente no céu, por isso mesmo, propicia uma forte prova de sua inteligência, pois seguir sempre exatamente a mesma via, agir ou sofrer de modo idêntico basta para manifestar uma vida inteligente. E a necessidade que é própria a uma alma dotada de intelecto será, entre todas as necessidades, de sobejo a mais poderosa: pela lei que impõe ela exerce o comando sem ser comandada. E quanto a alma, na perfeição do intelecto, que se propõe, a perfeição do bem, é impossível que algo altere seu propósito e esta completa impossibilidade se produz realmente segundo a razão. Nem mesmo o aço atingiria tal força e tal firmeza; em verdade, as três Moiras aí exercem seu controle e asseguram o resultado perfeito do desígnio concebido, na mais sábia das deliberações, para cada um dos deuses. Por conseguinte, os seres humanos deveriam ver uma prova da inteligência dos astros e de todo seu cortejo no fato de que reproduzem continuamente os mesmos movimentos, o isto

## Epinomis

porque repetem desde um tempo prodigiosamente longo os atos que outrora deliberaram, em lugar de mudar sua decisão desregradamente, de variar incessantemente seus movimentos e, conseqüentemente, se tornarem revolucionariametite errantes e transtornantes. Nossa opinião difere precisamente, da opinião da maioria, que crê que, porque produzem sempre exatamente os mesmos movimentos, não possuem alma. E a multidão tem seguido os insensatos, ao ponto de ter o humano como inteligente e vivo porque se move • e o divino como privado de inteligência porque permanece nas mesmas órbitas. Mas realmente todos poderiam ter adotado opiniões mais belas, melhores e aceitáveis, e poder-se-ia ter entendido que seja o que for que se mantém operando uniformemente, sem variação e através de, causas idênticas cumpre por essa razão mesma ser considerado como inteligente. Uma tal pessoa poderia também entender que esta é a natureza dos astros, entre todas as coisas a mais bela de ser contemplada, e, adicionalmente, que se movendo em sua marcha e dança, o mais bela e mais magnífica dança existente, transmitem aquilo de que todos os seres vivos necessitam.

**Em** verdade, estamos certos em afirmar que possuem alma. Começa por levar em conta o seu tamanho. Não são tão pequenos quanto parecem, a massa de cada um sendo de proporções inconcebíveis, ponto que deve, ser aceito confiantemente já que se baseia em satisfatórias evidências, pois podemos acertadamente pensar que o Sol é maior que a Terra e, com efeito, todos os astros que se movem detêm um tamanho descomunal. Como pode qualquer ser fazer com que uma massa tão vasta revolva sempre **mini** período idêntico? Declaro que um deus é a causa e que jamais poderia ser de outra maneira, pois nada poderia jamais *vir a ser* animado exceto através de um deus, como demonstramos. **E** visto que o deus tem essa capacidade, é-lhe perfeitamente fácil, primeiramente, produzir e animar qualquer corpo ou massa e, em segundo lugar, imprimir-lhe a direção que julgue a melhor. Espero que o princípio único que vou agora enunciar seja verdadeiro para todos esses corpos: a menos que uma alma estivesse ligada a cada um deles ou mesmo dentro de cada um deles, a terra, o céu,

•... ©ç τ ο p xv  
aveptoTttvov ξp4pov  
Kat LC5V coç.  
KIVÜUpXVOV  
**unoXaPeiv...** Matas  
Rdmpp |>a\*a o '«tido myph  
do \*»bo KIVÉCÜ, que não se  
jf.sfçwugc ao rMoem-sr  
ispnciohuln, cama tombem  
engfbb o ooneitos de  
(.iniis|omia.i-sf!. afe»as-so,  
eomouefi-se, tianstOMOl-sf; e  
todos os demois  
epoespondcnles aos  
substantivos tavTiaic e  
**tavriua.** (n.t.)



## Platão - As Leis

**todos os** astros e todas as massas deles formadas **não** poderiam executar com precisão seus movimentos anuais, mensais e diários, convertendo tudo que se produz em bens para nós.

Visto **que** é o ser humano **um ser** miserável, convém q ue evitemos emitir disparates e **sermos** claros no que dizemos, **tira**, se tomarmos por **causas** desses corpos **turbi-lhões, forças** naturais ou **outra coisa semelhante, nada** diremos que seja claro. F. é absolutamente necessário retomar o que dissemos e **apurar** se é correto ou se é, pelo contrário, inteiramente inexato afirmar, inicialmente, que os seres são de duas espécies, uns almas e outros, corpos; que há muito de **cada** um, porém são todos distintos entre si e transitando de uma espécie a outra; e que **não há** uma **terceira** espécie que **reúna** outros seres; **que** a alma, enfim, é superior **ao** corpo. Propomos, penso eu, **que** enquanto aquela é **inteligente, este** é desprovido de inteligência; que **enquanto aquela comanda, este** obedece; **que** ela é a causa de tudo que existe, enquanto ele não é a causa de efeito algum. Portanto, pretender que os seres celestes têm uma ou tra **causa** e não são produzidos dessa maneira, a saber, mediante a união de uma alma e de um corpo, constitui grande insanidade e ausência de senso. Lm **todo** caso, se desejamos que **nossa descrição** de todos os **seres desse** gênero seja bem **sucedida**, e que possamos **crer** com **certeza** que todos esses **seres** constituem uma **obra** dos deuses, forçoso é que **lhes** atribuamos uma ou **outra** das seguintes naturezas: ou veremos neles, com a devida justeza, verdadeiros deuses a serem celebrados, ou **neles** veremos tão-somente semelhanças aos deuses, **tais como** imagens confeccionadas pelos próprios **deuses**, porquanto seus criadores **não são** nem privados de inteligência **nem** de pouca monta. **Como** declaramos, é **mister que** lhes atribuamos uma dessas duas **naturezas**, e uma vez isto **feito**, teremos que honrá-los **acima** de todas as imagens. Por certo nenhuma outra imagem jamais parecerá mais bela ou mais largamente partilhada por todos os seres **humanos** tio que essas, **tampouco** será instalada em sítios mais eminentes, **superando em** pureza, **esplendor**, majestade e vitalidade **de toda sorte** a essas, feitas **como são em todos** os aspectos.

## Epinomis

No tocante aos deuses, que nos detenhamos. Agora que identificamos as duas espécies de seres vivos que nos são visíveis, em relação às quais asseveramos que uma é imortal e a outra, a espécie terrestre, é mortal, tentemos com a maior precisão que a opinião razoável permite, descrever as três espécies intermediárias que se acham entre as duas espécies já abordadas. Depois do fogo, tomemos o éter. Podemos supor que a alma confecciona seres vivos a partir dele que [como os demais tipos de seres vivos] são majoritariamente caracterizados por essa substância mas que, também encerram quantidades menores dos outros tipos de substâncias de modo a fundi-las. Depois do éter, a alma confecciona um tipo diferente de seres vivos a partir do ar, e um terceiro a partir da água. Após criá-los a todos, é plausível que a alma preenchesse a totalidade do céu com seres vivos, empregando cada um deles em conformidade com seu caráter, porquanto todos participam da vida. Estas são a segunda, terceira, quarta e quinta espécies de seres vivos, começando com os deuses visíveis e terminando conosco, seres humanos.

Quanto aos deuses Zeus, Hera e todos os outros podemos legislar como preferirmos, a mesma lei tendo validade para cada um deles, e devemos ter este princípio como firmemente estabelecido. Porém, **no** que respeita aos primeiros deuses, aqueles que são visíveis, **supremos**, os mais veneráveis, e que vemos com maior nitidez em toda parte, **é-nos** forçoso declarar que são os astros em associação com todos os fenômenos celestes a nós perceptíveis. Depois deles e os próximos na sequência abaixo deles estão os *dáimons*. Entre estes, a espécie feita de ar, que ocupa a terceira posição, a mediana, é responsável pela mediação entre deuses e seres humanos, e deve ser honrado excelsamente em nossas orações por ser mensageira de palavras favoráveis. Estas duas espécies de seres vivos - a feita de éter e a seguinte na ordem, a feita de ar - são completamente diáfanas e imperceptíveis. Mesmo quando se acham próximas, não somos capazes de vê-las. São detentoras de maravilhosa inteligência, sendo espécies que aprendem com **rapidez** <• têm boas memórias, e é-nos lícito **dizeT** que conhecem **todos** os nossos pensamentos e **tanto** ainani

## Platão - As Leis

aqueles entre nós que são nobres e bons como odeiam aqueles entre nós que são extremamente maus, visto que os *dáimons* já são seres que experimentam dor, do que o deus que partilha da perfeição da natureza divina é estranho (como o é do prazer), ocupado plenamente no pensar e conhecer. Visto que o céu está completamente preenchido de seres vivos, nos seria permitido dizer que se comunicam entre si e com os deuses mais excelsos em torno de todos humanos e todas as outras coisas. Fazem-no através dos movimentos das ordens intermediárias dos seres vivos que vogam levemente rumo à Terra e também rumo a todas as regiões do céu. Quanto aos seres da terceira espécie, os constituídos de água, serão representados inequivocamente como semi-deuses nascidos desse elemento, por vezes visíveis, por vezes ocultos e invisíveis, produzindo deslumbramento pelas suas vagas aparições.

Essas cinco espécies de seres são realmente seres vivos e alguns deles têm realizado vários tipos de encontros com os seres humanos, seja através de sonhos durante o sono, seja mediante comunicações audíveis manifestadas por vozes divinas ou oráculos a certas pessoas, saudáveis ou enfermas, ou mesmo no momento da morte. As crenças disto resultantes afetam tanto indivíduos quanto comunidades e foram a origem de muitos ritos religiosos para vários povos, como o serão, também, no futuro. Todo aquele que legislar sobre estes assuntos, por menos senso que tenha, jamais ousará fazer inovações e induzir seus próprios concidadãos a urna religião destituída de qualquer fundamento seguro. Por outro lado, cabal falta de conhecimento ele não proibirá aquilo que a lei dos antepassados estabeleceu a respeito de sacrifícios, já que é impossível aos mortais ter conhecimento sobre essas matérias. No que concerne aos deuses que são efetivamente visíveis a nós, o mesmo raciocínio não nos demonstrará que a pior das maldades seria não ousar a eles fazer referência e nos revelar que são deuses tanto quanto os outros, mas privados das cerimônias e das honras que lhes são devidas? Aliás, isto é exatamente o que está ocorrendo. E como se, em algum ponto, um de nós tivesse visto um sol ou uma lua *vindo a ser* e a todos nós olhando, e devido a alguma inabilidade não conseguisse transmiti-lo e, ademais, não se mostrasse ansioso

## Epínomis

por fazer sua parte para transferi-los de seu estado excluído de honra para um lugar de honra, e os tornar conspícuos, além de instituir festas e sacrifícios para eles, e determinar períodos mais ou menos longos, conforme suas revoluções, como um tempo a cada um deles reservado várias vezes ao ano. Não seria esta pessoa omissa, bem como qualquer outra que, o testemunhasse, merecedoras de serem chamadas de más?

*Clínias:* Sem dúvida, estrangeiro, sumamente más.

*O ateniense:* Entretanto, meu caro Clínias, quero que saibas que esta é precisamente a minha situação, agora.

*Clínias:* O que queres dizer?

*O ateniense:* Kabeis que entre as potências que povoam o céu há oito que são irmãs entre si. Eu mesmo as contemplei, no que não realizei nada de extraordinário, visto que também outros poderiam fazê-lo sem dificuldade. Três delas são as que mencionamos há pouco, pertencentes ao Sol, à Lua e a todos os demais astros. Mas há mais cinco. De todas essas órbitas e os seres que nelas se movem, quer por si mesmos ou perfazendo seus cursos levados sobre bigas, que nenhum de nós creia temerariamente que uns são deuses, outros não, e que alguns são rebentos legítimos, enquanto outros são aquilo que nenhum de nós pode sequer enunciar para não incorrer em blasfêmia. Ao contrário, compete-nos declarar e afirmar que são Iodos irmãos e dispõem das parcelas dos irmãos. Não devemos atribuir o ano a um deles e o mês a um outro, ao mesmo tempo que nos recusamos a atribuir ao resto deles qualquer apanágio ou tempo nos quais cada um deles percorre sua própria órbita, contribuindo à perfeição do universo visível estabelecida pela mais divina das leis.

Todo aquele que é feliz principia por admirar-se ante esse universo e então desenvolve uma paixão pelo aprendizado de tudo que é possível para um mortal aprender, acreditando que assim terá a melhor e mais venturosa das vidas e que após a morte atingirá regiões que são o lar da virtude; e uma vez real e verdadeiramente iniciado, e tendo alcançado a perfeita unidade e uma participação na verdadeira sabedoria, que é una, permanecerá pelo resto de seus dias na qualidade de um observador das mais belas coisas que a vista pode contemplar. •

\*... **Kat** |iɛp:t)Tipxvoç  
cAnScuç, **TE Kat**  
εὐτρεῖς. (jetaXa(**3cov**  
ἴσωςTiOetaç etç cov  
**P-taç**, τῶν **ETUAQIIIOV**  
**Xpūvov** fJEtapoç τῶν  
**KaXkxmw**  
**\*j€VüP.Bvoç**, oaa **Kort**  
**Ot**/tV, OKXTEÄEt...  
.Potentes oqm na írféins de  
que n iMO.ioeðo é p\*é-M!q«isíto  
<ío sobedowo c φσῖ o se»  
kttiano onquanto **iw**c no mundo  
sensível openos **fmiittjya** do  
**UunWo** do snbedo»io, **n** querf  
**m** suo pPenitude esló no  
mundo leteftjtjvéi, que ó o  
**detnirié'0 ia** vwtudc. (n.l.)

## Platão - As Leis

O próximo passo consiste em declarar quantos são esses deuses e quem são eles, pois cumpre frisarmos que **ja**-mais voltamos atrás em nossas palavras. A propósito, sustento sem hesitação ao menos **o** seguinte: repito que são oito, dos quais três já foram abordados, restando ainda cinco. A quarta órbita incluindo o período de revolução bem como a quinta são quase iguais em velocidade **ao** Sol, e, em tudo, nem mais céleres ou mais lentas; destes três astros \* é imperioso que aquele que detém suficiente inteligência seja o condutor. Essas três órbitas pertencem **ao** Sol, à estrela **da** manhã e a **um** terceiro corpo [(seleste] que, não posso nomear visto que seu nome é desconhecido, isto porque a primeira pessoa que **os** observou foi um bárbaro. Devido ao fato **do** Egito e a Síria contarem com **um** verão de suma beleza, urna antiga prática nesses lugares levou **as** pessoas a serem os pioneiros no refletir dessas matérias. Mantinham-se observando todos os astros visíveis, pode-se dizê-los, porquanto na parte do mundo (em que se acham] o céu permanece sem nuvens e chuva [**no** verão]. Dali, após ter sido sondado por milhares de anos - de fato durante um tempo incalculável - esse conhecimento se expandiu por **Ioda** parte, inclusive para a Grécia.\* • E portanto cabe a nós não vacilarmos e promulgar tal coisa como lei, pois **dedicar** nossa homenagem a certos seres divinos e recusá-la a outros não seria evidentemente razoável.

Quanto **ao** fato de lhes faltarem nomes, esta é a razão a ser dada. Na realidade, emprestaram nomes tirados dos deuses [tradicionais], A estrela matutina, que é também a estrela vespertina, é chamada de astro de Afrodite, nome extraordinariamente apropriado sendo a escolha de **um** legislador sábio;\* • • o astro **que** simultaneamente acompanha o Sol e essa estrela **matutina** é [consagrado) a Hermes.\*•••

Resta-nos ainda nos referir a mais três órbitas [**de** astros] que se movem para a direita \* \* \* • • como a Lua e o Sol. Mas devemos mencionar um deus, o oitavo, que de modo especial poderíamos chamar de *universo*, ele se move na direção oposta de todos os demais **os** arrasta, como pareceria óbvio **até** mesmo para seres humanos que pouco conhecem desses assuntos. Mas tudo que sabemos de maneira satisfatória é preciso que o digamos,

Pm scjn, n ilnf, o quislo c.  
o (juiffo («tios, dos quois  
'Wntóo i» ocupam na  
imcdnfii spqiëiioio. (n.f.)

•• *JÁatr* uma irg. P t ó n  
siKjüüf: que cslow. no &jjito,  
fitei) d(t nUutwU n)«t (lgil(tíOS  
n (xitaídode do osfitonoiniif.  
(n.t.)

\*\* \*jUméit c. HiitaiPido ò  
diurno eísio -Astáitil (ii.t.)  
••\*\* :A *muméilm* (Vüü  
ó qm joi odofodo pon nós:  
..Ifsindlff: f *AlRmn*: r. <;tímm  
C. JÍMOÍMO. (n.l.)

## Epinomis

e o estamos dizendo, pois para alguém, mesmo de escasso entendimento, mas que é correto e divino, o que é autenticamente a sabedoria parece estar de certo modo ao longo destas linhas. Restam então três astros, dos quais um, o mais lento dos três, recebe de alguns o nome, de Sol; ..... o segundo mais lento deve ser chamado [de astro] de Zeus e o que vem em seguida de [astro] de Ares, ..... o que possui a cor mais vermelha de todos. ....» Nada disto é difícil de ser apreendido se alguém o explica, mas uma vez urna pessoa o aprende, afirmamos que nisso deve crer.

Todo grego deve ter em mente que temos na Grécia o clima mais favorável para a virtude. Seu mérito consiste no fato de que é intermediário entre o frio intenso e o calor tórrido. **Considerando**-se que nosso verão é inferior ao verão nesses outros lugares, como asseveramos, tardamos em observar a ordenação desses deuses [astrais]. Mas que **tenhamos** como ponto pacífico que tudo que os gregos recebem dos bárbaros acabam por embelezar e aprimorar maximamente, o que se aplica especialmente à matéria em pauta; aliás, é difícil ter todas estas coisas por absolutamente certas, mas nutre-se uma atraente e boa esperança de que, muito embora a tradição acerca do **todos** esses deuses e, inclusive, o culto tios mesmos provenham dos bárbaros, os helenos, por conta de suas formas de educação, **os** oráculos de Delfos o todo o sistema legalmente codificado do culto, conseguirão cultuá-los melhor e, num certo **sentido** eletivo, de uma **maneira** mais eqüitativa. ....

Que, nenhum grego jamais pense, por medo, que sendo mortais nunca devemos nos interessar pelo que é **divino**. **Convém** que pensemos precisamente o oposto. O divino não é privado de inteligência e tampouco em absoluto ignorante da natureza humana, **mas** ciente de **que** se ensina, nós o seguiremos e aprenderemos **o que** é ensinado. E seguramente sabe **que** a própria **coisa** que nos ensina e que **aprendemos** é o número e **coino** contá-lo; se não o soubesse, seria [tio **inundo**] **o** que há de menos inteligente; realmente **não** *conheceria a si mesmo*, como se diz, ..... **caso** se indispusse com aqueles que são capazes de **aprender**, em lugar de **compartilhar** sem ciúme de **seu regozijo** de terem se tornado bons com a ajuda da **Divindade**.

....., 9eto ☾, do oeste pam  
o tec. (n.t.)

....., I] > **auu...** Coque  
teíio *mpbodo* 'PPfifão, wt>  
«Pguém [n no antigüidade  
substituiu po» **KpOVOÇ**  
[CKMO\*]. <« é o nototo e que  
eofiesponele **n** Safou», (n.t.)

..... AIOÇ (\$m<i) c  
Júpiter o **Απιϙϙ**, **iAws**) f.  
,Ak>le. (n.l.)

.....; \_Alo totoP 0", **Sole**  
*pfctmm* do oslonomin a  
oofiroPogio antigas: SoP, 'siitin,  
T/finuc, ^IWSjín. jMfitto,  
Saturno o Júpiter», (n.l.)  
..... (T) jiji^ **queijo**

estO alj>«atiflo Ms pontos  
específicos que se *coitcciom*  
ncofscnfaiincnie: /Wtte/ta que a  
fílfigião *és deusa*.' *eis/tens* está  
(undíidri no astronomia (ou,  
mais eerifanteefc, na obse.fiação  
empésioo rios erupos ocPcslos em  
»cgções de **tfiu límpido** no erañ);  
*segunda* que, esses deuses (tonto  
quanto os deuses inwsísis  
jcpsecertficis po» imagens) seio  
de oijfer» e.stongcisa e não  
esiação o>igi«of dos gfgos,  
turismo da YiWadc **j»RitüO**; e  
*kíeeiv*, que os g>cgos os  
*desMihmigeiMm*, dando Pres  
umo f/ww; aprtwnda c  
enquaAiaido-ofi numa ícfigião  
ojieiap esganigadn. (n.t.)

..... \*...Vtfteeio ri  
|oinosa insosiação (*faiéee-fe ei ti*  
*luesim* do ÍVieuPo de.Dei|fts.

## Platão - As Leis

• (Du sejo, os doutoos  
wotaioftsfos fio quase  
tofaPidade fios pié-epietáieos  
(os adomados /rfásajás da  
fali/nega), que conecebiaw  
fcmentos como o jogo, o tato e  
o água. que\* dfegei aasfios  
constituintes de oevípos, como  
sendo o (XpXT) (psincípio e  
(jundomcnio) ris toda ncaftdode.  
KMO feítoa do ideafmeta  
Tftiíõo, Isso egniyoftaia a  
dc|endct ffa os w\*pos são  
/wimmdiais c a afcua.  
sceuudásia. (nt.)

\*\*... Tavta rptv  
oprími wavta  
Kara tr|v T < B V  
avooiojv -ciucjrov  
AtKrrv... íPfetão  
pefisoniljeo e diiiniãa a  
justiça, qi» t. Justiça  
myadaio (., TplutpuV  
Ancnv...), Como já uimos  
no diáPogo o-fr í&is, a  
Çingonça (que conceituamos  
como dislinla c inoonipolúucP  
COM a justiça, Somo sc, oquePa  
estresse na csjeita do  
indíuíduo p, seta na esje/ia do  
fistado). posa os gtegos  
antigos c/õ um otsibuto e um  
instrumento da justiça, (nt.)

Agora mostra-se bastante plausível que quando os seres humanos pensaram pela primeira vez como os deuses vieram a ser e no que se assemelhavam, e que feitos realizaram uma vez vindos a ser, o que disseram não se revelou aceitável ou agradável às pessoas sensatas, como tampouco se revelaram as narrativas posteriores, nas quais o fogo, a água e os outros corpos foram considerados mais velho\*, e a alma admirável, mais nova,\* [narrativas] que também sustentaram que o movimento que pertence ao corpo e que o corpo produz em si mesmo por meio do calor, do frio e de, todas as propriedades deste tipo é superior e mais valioso, e que a alma não move a si mesma e o corpo consigo. Mas atualmente, visto que dizemos que a alma, uma vez unida ao corpo, o move e o transporta sem dificuldade ao transportar-se a si mesma, não tem igualmente nossa alma nenhuma razão de duvidar que é capaz de mover circularmente qualquer massa.

Conseqüentemente, porquanto agora afirmamos que a alma é a causa universal e que todas as coisas boas têm causas que são boas, enquanto coisas más têm causas distintas, que são más, não será de surpreender-se que a alma seja a causa de toda órbita e movimento, e que a melhor espécie ele alma produz órbitas e movimentos que tendem para o bem, enquanto a espécie oposta de alma gera aquelas [órbitas e movimentos] que tendem para o contrário. Infere-se que o bem deve sempre ter vencido o mal e deve sempre vencê-lo.

Tudo que dissemos está de acordo com a Justiça, epie se vingam dos ímpios. \* • Por conseguinte, voltando ao tema de nossa investigação, só nos resta crer que a pessoa ele bem, ao menos, é sábia; todavia, no que respeita à sabedoria que há muito buscamos, vejamos se podemos descobrir qualquer disciplina ou arte cuja ignorância nos levaria à privação ele todo discernimento sobre a justiça. Em verdade, penso que podemos e é preciso que eu diga qual é. Tentarei explicar a vós como se manifestou a mim que a buscava sofregamente. A causa de nosso fracasso está em não praticarmos a mais importante parte da virtude da maneira correia, O que acabo de dizer parece-me indicar isto incisivamente, pois ninguém jamais nos persuadirá de que há uma parte mais importante da

## Epinomis

virtude para os mortais do que a reverência pelos deuses, embora tenha que ser admitido que, graças à pior espécie de ignorância, essa qualidade tem estado ausente nos indivíduos dotados das melhores naturezas.

Tais naturezas são raras, mas se surgem representam um benefício marcante, pois uma alma que possui tanto rapidez quanto lentidão num grau suave e moderado tenderá ao equilíbrio; terá inclinação para a coragem ao mesmo tempo que disposição para a temperança e se, algo essencial nessas naturezas, for capaz de aprender e recordar, poderá fruir plenamente destas últimas qualidades a ponto de se apaixonar pelo estudo. Essas naturezas, com efeito, não nascem com facilidade, mas quando acontece e são educadas e treinadas da maneira devida, é absolutamente certo que poderão dominar a multidão inferior pensando, fazendo e dizendo tudo que concerne aos deuses das maneiras acertadas nas horas acertadas, sem executar hipocritamente sacrifícios e ritos purificatórios, gerando violações contra os deuses e os seres humanos, mas verdadeiramente honrando a virtude, o que constitui, aliás, o ponto capital para toda a cidade. Dizemos, portanto, que essa porção da comunidade tem, por natureza, a maior aptidão para exercer a autoridade e é capaz de aprender as lições mais excelentes e mais belas, se for ensinada. Mas ninguém poderia fazê-lo a menos que a Divindade indicasse o caminho. De fato, se fosse para alguém ensinar da maneira incorreta, seria melhor não aprender. Entretanto, segue-se do que estou dizendo que os indivíduos possuidores desse tipo de natureza, o melhor, têm que aprender tais lições, o que sou impelido a afirmar-lhes. Tentarei, por conseguinte, apresentar uma exposição detalhada do que são essas lições, ao que se assemelham, e como aprendê-las (confiando na minha capacidade como discursador e na capacidade daqueles que podem ouvir me), ou seja, o que deve aprender alguém a respeito) da reverência aos deuses e como aprendê-lo. Quando vós o ouvirdes, achareis estranho, pois vos digo que se trata da astronomia, uma resposta [para essa questão] que ninguém esperaria dada à falta de experiência com a matéria. Às pessoas ignoram que o verdadeiro astrônomo precisa ser o indivíduo mais sábio.



## Platão - As Leis

Não me refiro a alguém que pratique a astronomia do modo **que** Hesíodo o fez e todos que **a** ele se assemelham, que **se** devotaram *k* observação do levante **c** o poente dos astros, mas **a** quem tenha observado sete das oito revoluções, e adu completando sua própria órbita, de uma maneira **que** ninguém que não fosse dotado de uma natureza extraordinária poderia facilmente observar. Dissemos **o** que nos **compete** aprender. Prosseguiremos de modo **a** indicar, nós o repetimos, como é necessário e recomendável **c**ue o aprendamos. E princípio pelo **que** se **segue**.

A Lua é a mais célere para completar seu circuito, trazendo **o** mês (a lua nova) e antes deste a lua cheia. A seguir convém observar o Sol, que traz os solstícios à medida que completa a totalidade de seu circuito, e os astros que **a** ele **se** igualam em velocidade.\* A fim de evitarmos dizer muitas vezes as mesmas coisas, já que as órbitas restantes de que nos ocupamos anteriormente não são de fácil compreensão, deveríamos empreender contínuos esforços no sentido de preparar para esse conhecimento as **peessoas** cujas naturezas podem compreendê-lo, ministrar-lhes muitas matérias preliminares e habituá-las ao aprendizado durante a infância e a juventude; daí **porque** é imprescindível **t**pie estudem as matemáticas.

Primordial é **o** estudo dos números em si, em oposição aos números que possuem corpos. Trata-se de toda a teoria do ímpar e do par, **de** sua gênese, de seu poder e do que comunicam aos seres. Depois deste aprendizado o próximo é **o** daquilo que é chamado por um nome extremamente tolo, *geometria*.\* \* Com efeito, todos os **números** não são, por natureza, comparáveis uns aos outros, mas a possibilidade da comparação se torna manifesta quando os traduzimos em superfícies. Que este prodígio é de origem divina, e não humana, deveria saltar aos olhos de quem é capaz de **compreendê-lo**. Segue **se** **o** estudo dos números com três fatores,\* • • que são similares em virtude de sua natureza como solídeis. Uma outra arte, denominada *entereametria*\* \* \* \* por aqueles com ela familiarizados, realiza **a** assimilação **de** números que não são similares. Mas o que as pessoas que sondam essas matérias e as **compreendem** julgam divino e miraculoso é

\* Ê uug o mow)niilm«, fi  
somm, T/cmis c uUndaU).

\* \* Ato pojqufi  
7EüJU. etpia signijim  
fil«infiw\*(c mcd/cân da lmta.  
(p) fjo, T^nlfto cítimo de  
gonem í o que «fe  
pHefoWfi poi geometida  
p/bna. ú *geemief.ua* na («paço  
de dó n nftuM) de  
OtEpEO(J.expia, cnmo sc  
m«á Cogo a segui\*, (n.l.)  
\* \* \* f)u srjtt, os nntciifis  
cPctfidos ii tacci.W polêacin.  
finl.)  
\* \* \* \* LA *geomelma* no  
espaço, (n.l.)

## Epinomis

como a natureza como um conjunto molda gêneros e tipos de acordo com cada proporção, com referência à potência que se baseia sempre no dobro e a potência oposta a esta. \* \* \* \* A primeira seqüência do dobro é aquela efetivada em números na relação numérica de um a dois; \* \* \* \* a seqüência determinada pelos quadrados . . . . . é igualmente o dobro desta; o dobro desta última é a seqüência \* \* \* \* \* que alcança o que é sólido e tangível, após proceder de um a oito. Enfim, na escala que vai do dobro a uma média, uma das intermediariedades está à igual distância dos extremos visto que excede o menor numa quantidade igual àquela em que é excedida pelo maior; a outra intermediariedade excede os extremos e é excedida por eles numa mesma fração de cada um deles; e assim, nos intervalos da gama que vai de seis a doze formam-se as relações de três a dois e de quatro a três. Esta seqüência, que evolui nos dois sentidos no meio dessas últimas relações e dispensa aos seres humanos o benefício da concórdia e da medida em vista de um jogo de ritmo e harmonia, é um dom do coro bem-aventurado da» Musas.

Supondo que todas essas coisas são como dissemos, qual a finalidade de aprendê-las? Para dar conta desta questão é preciso nos referirmos ao elemento divino presente no mundo gerado, que consiste da espécie mais excelente e mais divina de coisas visíveis que a Divindade permitiu aos seres humanos observar. Ninguém que as tenha observado jamais poderá asseverar que o aprendeu por qualquer caminho fácil que dispense as ciências que acabo de mencionar. Além disso, em todas nossas discussões precisamos ajustar o indivíduo à espécie fazendo indagações e refutando respostas erradas. Este método é a primeira e melhor pedra de toque a ser empregada pelos seres humanos enquanto os testes que não são genuínos mas que pseudamente o pretendem ser, envolvem a todos num labor totalmente inútil. Precisamos, inclusive, deter um conhecimento apurado da exatidão do tempo, captar como ele cumpre com precisão todos os fenômenos celestes. Se o fizermos, então todos que crêem na verdade de nosso raciocínio segundo o qual a alma é a uma vez mais velha e mais divina que o corpo deverão reconhecer que o adágio *tudo está repleto de deuses* é

\* \* \* \* Ou seja a *metade*  
 $\wedge$  | j  
 -A W t s e r i a  
 I. 2. 4... (n.L)  
 . . . . . ( p e g i j k o ð )  
 !, 4. 16... (n.L)  
 1. 2. 64... (n.L)

## Platão - As Leis

cabalmente correto e suficiente e, ademais, que nunca somos negligenciados devido ao esquecimento ou incúria dos seres que nos são superiores.

Em todos esses estudos deve-se ter em mente o seguinte: todo aquele que atingir a compreensão de cada um deles por meio do método correto é grandemente beneficiado ao fazê-lo; caso contrário, mais vale invocar a Divindade em busca de ajuda. O método correto é este (pois deve-se, ao menos, dizer isso): à pessoa que aprendo do modo correto será revelado que todo diagrama, todo sistema numérico complexo, toda combinação harmônica e o padrão uniforme da revolução dos astros constituem uma coisa única tje a todos esses fenômenos se aplica. E será revelado a todo aquele que aprende corretamente, como o dizemos, fixando seu olhar na unidade. Àquele que estuda essas matérias desta maneira, um único vínculo natural que a todas une será revelado. Mas todo aquele que se propõe a investigar essas matérias de qualquer outra maneira terá que invocar a boa fortuna solicitando ajuda, como também o dizemos. Sem a posse desses conhecimentos, não haverá ninguém nas cidades que algum dia se torne feliz. Eis o método correto, eis a educação, eis as ciências; sejam difíceis, sejam fáceis, esta é a forma pela qual temos que proceder,

Não é certo descurar os deuses uma vez que é óbvio que nossa história sobre todos eles foi narrada da forma correta e abençoada pela Boa Fortuna. Todo aquele que atinou com todas essas coisas dessa maneira, digo que é verdadeiramente o mais sábio. Sustento, também, seja em termos de gracejo ou de seriedade que, quando qualquer um desses indivíduos cumpre através da morte o seu destino (se realmente (como o asseguramos) ele continua existente na morte), não será mais afetado por uma multidão de sensações como o é agora, mas sim participará de um destino uno. Tendo se tornado uno a partir da multiplicidade, ele será afortunado, sumamente sábio e abençoado - habite em seu estado abençoado em continentes ou ilhas - ele desfrutará essa fortuna para sempre. E viva ele sua vida devotado a essas buscas privada ou publicamente, os deuses lhe concederão de forma idêntica o experimentar dessas coisas. Quanto

## Epinomis

à nossa asserção inicial, a mesma posição á agora retomada, e é genuinamente verdadeira, a saber, que salvo algumas poucas exceções, os seres humanos são incapazes de conquistar a perfeita bem-aventurança e felicidade. Isto foi afirmado com acerto. Somente aqueles que são, por natureza, semelhantes aos deuses e moderados, que possuem o restante das virtudes, e que abarcaram todas as matérias vinculadas à ciência abençoada\* (e indicamos quais são elas) conquistaram e detêm todos os dons da divindade ua devida medida.

Dizemos privadamente e promulgamos como lei publicamente que os cargos mais eminentes devem ser conferidos a esses indivíduos que granjearam o domínio sobre essas matérias da maneira correta, mediante intenso esforço, e alcançaram a plenitude da velhice. Os outros os obedecerão e discursarão em louvor de todos os deuses e deusas. E agora que chegamos a conhecer suficientemente bem essa sabedoria e a testamos, somos todos compelidos, com toda a justeza, a convidar o Conselho Noturno a exercê-la.

« ,J nshonomio. (n.l.)

